

Ponte e Guarani apresentam seus novos técnicos

O Guarani e a Ponte Preta apresentaram ontem seus técnicos para o Campeonato Brasileiro. Fito Neves afirmou que o Guarani voltará a ser vencedor, enquanto Galli pediu três reforços à Ponte. O goleiro Carlos, do Guarani, diz hoje se aceita a proposta do Palmeiras ou a do Cruzeiro

Página 21

Bolsas disparam e acumulam 30%

As bolsas de valores mantiveram ontem, terceiro pregão do ano, a tendência de alta, com disparada de 11,5% no índice Bovespa. O acumulado no ano é de cerca de 30%. O principal motivo da valorização das ações são os investimentos estrangeiros, estimados em US\$ 1 bilhão para 92.

Páginas 5 e 6

Tempo

Sol e céu limpo hoje na região de Campinas, é a previsão do Cepagri da Unicamp. Pode chover à noite.

Página 12

Loteria

Ninguém acertou os números da Sena, Loto e o "erado" da Loteca. Os prêmios devem ser recordes.

Página 13

Namorado agride Vera Fischer

A atriz Vera Fischer foi agredida ontem pelo namorado, o ator Felipe Camargo, e precisou ser medicada em um hospital, no Rio. A *Globo* decidiu substituí-la em um dos principais papéis da novela *Perigosas Peleas*.

Página 11

Paulínia

A CPFL cortou a energia elétrica do Edifício Gemini — único prédio de apartamentos na cidade — por má conservação na rede elétrica.

Página 10

NESTA EDIÇÃO

28 páginas

Artes e Lazer.....15 a 19 e 28
Correio há 50 anos.....19
Horóscopo.....19
Livros.....18
Palavras cruzadas.....19
Quadrinhos.....19
Roteiro.....17
Televisão.....16
Zoom.....18
Cidades.....9 a 11
Polícia.....11
Classificados.....23 a 27

Economia.....5 e 6
Como aplicar o seu dinheiro 6
Indicadores.....6
Joelmir Beting.....5

Esportes.....20 a 22
Jogo Aberto.....20

Geral.....12 e 13
Educação.....12
Falecimentos.....13
Saúde.....13
Tempo.....12

Internacional.....14

Negócios.....7
Briefing.....7
Informática.....8

Opinião.....1
Correio do Leitor.....2
Editorial.....2
MILÔR.....2

Política.....3 e 4
Xeque-Mate.....3

Serviços.....27



Arte abandonada — O historiador Celso Maria de Mello Pupo na casa que guarda obras de arte dos séculos 17, 18 e 19, pertencentes ao acervo do Museu Arquidiocesano de Campinas. O local não oferece as mínimas condições para a conservação das peças. Um balde com água no meio da sala tem a missão discutível de prover o ambiente da umidade ideal. O acervo está trancado enquanto a cidade não dispõe de um museu de arte universal.

Última página

Educação garante que haverá vagas para todos

Pais de alunos amanheceram defronte às escolas municipais e estaduais de Campinas e formaram extensas filas na tentativa de transferir seus filhos, principalmente da rede particular para as públicas. A Secretaria de Educação garante que nenhum aluno ficará sem vaga.

Página 12

Fiscalização deficiente torna Zona Azul ineficaz

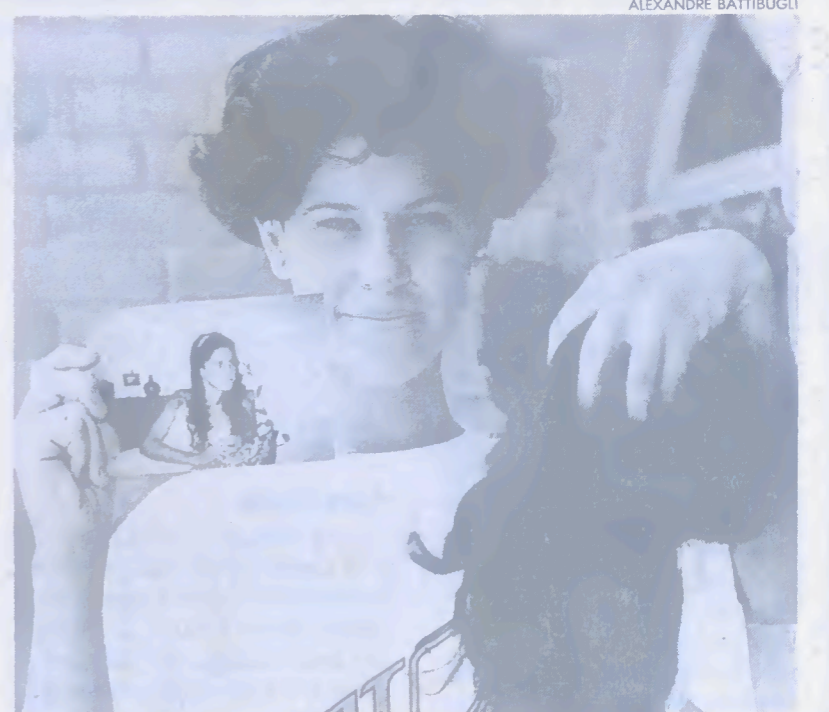
A fiscalização deficiente e a prática dos motoristas em burlar as leis tornam ineficaz o objetivo da Zona Azul, no centro de Campinas, que é promover a rotatividade de veículos nas 1.470 vagas existentes. Ontem, na Rua Luzitana, de 17 carros apenas três tinham cartão da Zona Azul.

Página 10

Homem ataca garota para cortar cabelo

A estudante Ana Tágides Mitzakoff, de 15 anos, teve o cabelo cortado com tesoura por um homem que a atacou no final de semana no jardim de sua casa, no Jardim Londres, na região Sudoeste de Campinas. Do cabelo com cerca de 40 centímetros de comprimento sobraram pouco mais de dez centímetros, transformados num novo penteado. O homem que atacou Ana fugiu sem levar o cabelo cortado.

Página 11



Ana mostra como era, com os 40 cm de cabelos cortados à força

Presidente da Geórgia foge; oposição toma poder

O presidente Zviad Gamsakhurdia, da Geórgia, fugiu ontem da sede do Parlamento, onde permaneceu entrincheirado nas últimas duas semanas. Num pequeno comboio, o presidente deposto e cerca de 80 pessoas, entre familiares e assessores, fugiram em direção ao Azerbaijão. Fontes desse governo disseram que o destino de Gamsakhurdia é a Armênia. As forças rebeldes ocuparam o Parlamento e celebraram a renúncia com tiros para o ar.

Página 14

Chuvas deixam 400 desabrigados no Rio

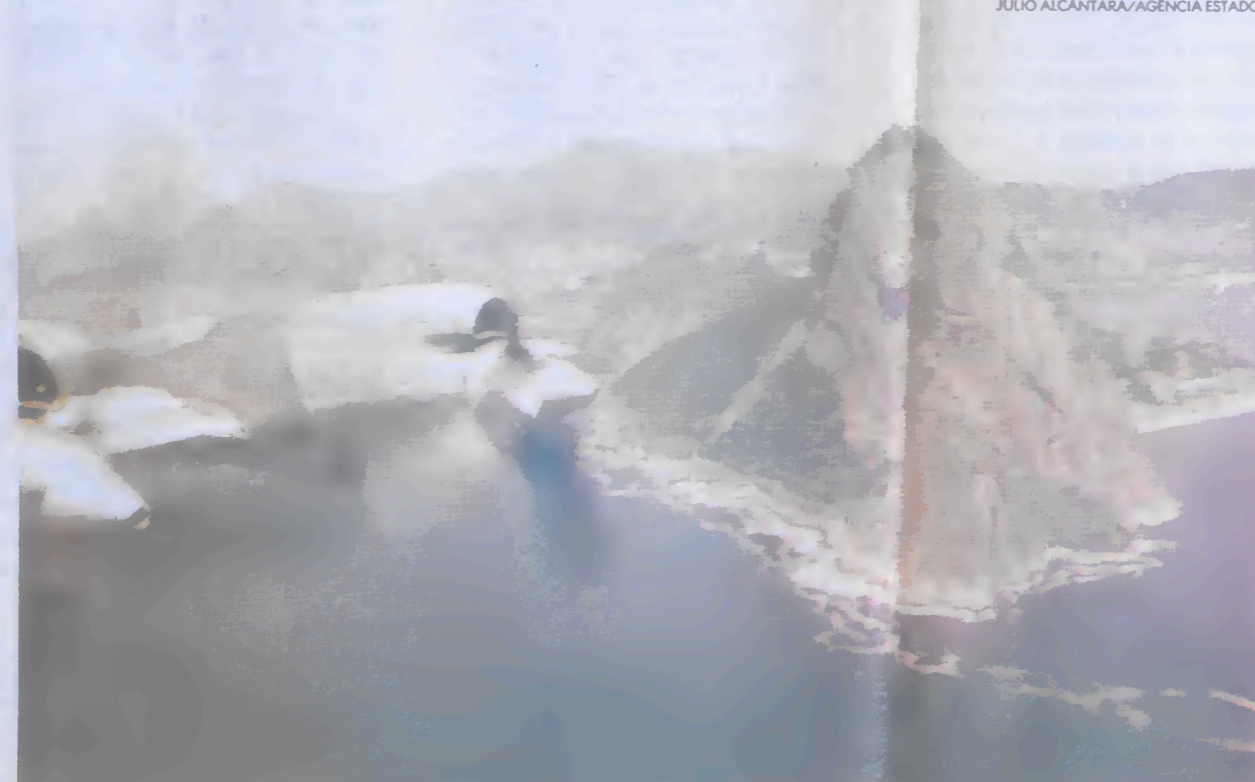
As fortes chuvas que caíram no sábado e domingo na Baixada Fluminense e regiões serranas do Rio provocaram pelo menos 20 mortes e deixaram cerca de 400 desabrigados. Em Teresópolis, cerca de 20 mil pessoas vivem em áreas de risco.

Página 13

Roubos e homicídios aumentam em Sumaré

O número de roubos em Sumaré aumentou 65% em 1991 em relação ao ano anterior — 610 contra 370. No mesmo período, foram assassinadas 58 pessoas contra 48 em 1990. O delegado Luiz Carlos Piazzentim, diz que há falta de policiamento preventivo.

Página 11



Última viagem — Baía de Guanabara é vista do turbo-hélice Electra II durante o último voo deste tipo de avião na ponte aérea São Paulo-Rio. A partir de hoje, todos os voos da ponte aérea serão feitos pelo Boeing 737-300. O Electra que voou ontem, o mais antigo da frota, vai para o Museu da Aeronáutica, no Rio.

Página 13

CORREIO POPULAR

CAMPINAS, TERÇA-FEIRA, 7 DE JANEIRO DE 1992

Campinas ressentente-se da falta de um museu de arte

□ *Cidade possui acervos biográficos e históricos, mas nenhum que exponha a arte universal*

CICA SORIANO

Impossível pensar em Paris sem lembrar do Louvre. A capital paulistana não seria a mesma sem o Masp (Museu de Arte de São Paulo). As cidades mineiras perderiam seu maior atrativo caso seus museus e igrejas não fossem conservados. A lista de cidades que têm um museu como um dos seus principais referenciais é imensa. Sejam elas, do Primeiro Mundo ou daqui. Campinas tem alguns museus que

guardam a história de personagens ilustres, das ciências, do índio e do folclore. Mas a mesma sociedade que se orgulha em ser o berço de Carlos Gomes, de ter um dos maiores movimentos bancários do País, indústrias, duas importantes universidades e que proclama ser pólo cultural brasileiro, não tem um museu com acervo próprio que extrapole as fronteiras das biografias oficiais. O público campineiro que queira apenas o deleite visual, sem nenhum compromisso com a história da cidade, não tem opção. Não há em Campinas um acervo público de artes plásticas que exemplifique a história da arte.

Projeto de 89 não saiu do papel

“Um museu é aquilo que a sociedade é capaz de se oferecer. É seu auto-retrato, o melhor que a sociedade pode fazer”. A definição é do historiador da arte e professor da Universidade Estadual de Campinas, Luís Marques. Chegou até mesmo a ser inaugurado. Com estatuto elaborado e conselho empossado, o museu de história da arte de Campinas não saiu do papel. Faltaram dinheiro e consciência da necessidade do museu.

Assistente de Pietro Maria Bardi no Masp, de 1986 a 1987, Marques atesta a falta de um museu da história da arte na cidade em função de dois fatores básicos. De um modo geral, diz o professor, há uma falta de cultura visual, “não só no campineiro, mas no brasileiro”, observa. Outro motivo, completa, “é a iniciativa privada não assumindo suas responsabilidades culturais”.

Marques avalia que, embora tenham seu papel, os museus que hoje existem em Campinas não suprem as necessidades de uma cidade de seu porte. “É interessante ter um museu com a cultura local, mas Campinas não pode ambicionar só um museu dessa natureza”, afirma. Na cidade, avalia o historiador, “não há cultura de museu”. Esse quadro, faz questão de ressaltar, não é típico de Campinas, mas da maioria do País.

O historiador constatou essa realidade quando tentou, em 1989, implantar um museu de história da arte em Campinas.

Com projeto arquitetônico assinado por Paulo Mendes da Rocha e sede na Fazenda São Martinho da Boa Esperança, a ideia do museu “teve boa acolhida na cidade”, lembra Marques. Chegou até mesmo a ser inaugurado. Com estatuto elaborado e conselho empossado, o museu de história da arte de Campinas não saiu do papel. Faltaram dinheiro e consciência da necessidade do museu.

Ainda hoje, mesmo depois da tentativa frustrada, Luís Marques considera perfeitamente viável o projeto. Ele afirma que a cidade poderia ter um acervo de nível internacional, que possuísse obras representativas das várias escolas que fizeram a história da arte universal. “Essa ideia é perfeitamente viável. É muito mais barato construir uma coleção de história da arte antiga do que contemporânea”, revela o historiador.

Os custos para a aquisição do acervo, afirma, não ultrapassariam a soma de US\$ 4 milhões (aproximadamente Cr\$ 4,5 bilhões). Vale lembrar que um único quadro, Os Lírios, de Van Gogh, foi arrematado num leilão por US\$ 95 milhões. “As pessoas se assustam com os preços de leilão e acabam pensando que ter um museu na cidade é megalomania”, atesta Marques. Para estes, o projeto “é um sonho inexecutável”.



Celso Maria Mello Pupo ao lado de algumas obras sacras de valor artístico reconhecido, mas que não podem ser apreciadas pelo público

Arquidiocesano está fechado ao público

Um dos acervos que poderia servir de referência para a cidade é o do Museu Arquidiocesano de Campinas. Fundado em 1964 pelo arcebispo d. Paulo de Tarso Castro, o museu está desativado desde o final da década de 80, quando deixou o prédio da Cúria Metropolitana na rua Irmã Serafina. Há quatro anos sua coleção está depositada numa casa, sem condições climáticas para sua conservação. De forma precária, as imagens e telas que compõem o acervo de arte sacra estão espalhadas por cômodos, convivendo com bolor, poeira, baratas e cupins. O diretor do museu, Celso Maria Mello Pupo, é o único campineiro que tem acesso regular à coleção. Apenas ele e “alguém de fora que a gente atende, algum caso especial”.

O museu deixou o prédio da Cúria quando ele foi alugado para o Ministério da Justiça. Da lá, foi transferido para uma casa, cujo endereço Celso Maria

de Mello Pupo evita revelar por questões de “segurança”. Não existem grades nas janelas e nem mesmo uma equipe especializada para proteger a coleção, comparada ao do Museu Arquidiocesano para Mariana, em Minas Gerais, pelo historiador da arte Luís Marques.

O historiador, que é professor do curso de pós-graduação em história da arte da Unicamp, visitou o acervo há pouco mais de um ano e atestou o valor das obras. “São peças dos séculos 17, 18 e 19, que têm um certo valor artístico e histórico, comparáveis ao do museu de Mariana”. Para ele, o acervo mereceria “mais consideração da sociedade”. Marques afirma que o Arquidiocesano tem potencial para se tornar um museu nos moldes dos mineiros, desde que instalado num local adequado. “Cidades mineiras com menos recursos do que Campinas levam a sério seus museus”, diz o historiador.

Celso Maria de Mello Pupo se considera conformado com a situação. Acostumado a abrir portas e cortinas para conferir o estado das obras semanalmente, ele não demonstra grandes preocupações com a falta de acesso do público às dezenas de imagens, (a maioria em madeira) telas, móveis, aquarelas e até uma biblioteca. Se limita a dizer que não há “nada como um dia atrás do outro”.

Revela que há intenção de construir uma nova sede para o acervo, empreitada que teria apoio financeiro de uma família “muito rica” de Campinas e uma empresa. Não cita nomes porque não tem autorização para divulgar nada. O novo espaço, diz sem convicção, “poderá” estar pronto até o início do próximo ano.

Desde o seu fechamento, no final dos anos 80, Celso Maria de Mello Pupo é o único funcionário do museu. “Sou o escri-

turário, o faxineiro, o conservador e até restaurador”, brinca Pupo que, de fato, andou “restaurando” uma imagem. “Tá vendo aquela ali? Eu raspei com um bisturi até chegar a essa cor”, conta orgulhoso. Outra função exclusiva do diretor é a de único contemplador das peças, posto dividido com as visitas raras e, regularmente, com as baratas que transitam pelos cômodos.

“Eu dedetizo todo mês isso aqui, não tem barata não”, garante o diretor. A que passou entre imagens e pés durante a entrevista, ele aposta que fugiu da cozinha e “vai morrer logo”, e aponta as dezenas de insetos mortos pelo chão. A presença de cupins, constatada pelo pó da madeira depositado embaixo de algumas imagens e sobre os móveis, não assustam. “Isso não é nada não”, comenta evasivo. Até hoje, comemora, “graças a Deus não aconteceu nada de grave nas peças”.



Obra do acervo do Museu Arquidiocesano de Campinas

Acervo do MIS não pode ser utilizado

Por alguns anos a pinacoteca de Campinas ficou entulhada embaixo de uma das escadas do Museu de Arte Contemporânea de Campinas (Macc). Em processo de catalogação e restauração, as telas ficarão expostas como parte do acervo permanente do Macc Lago do Café. Quem anuncia é o secretário de Cultura Célio Turino, que não fornece a data da inauguração. Para o secretário, o Macc cumpriu até agora o papel de galeria e não de museu. A intenção, diz Turino, é manter o acervo do Macc e a pinacoteca em exposição constante e, ao mesmo tempo, promover grandes mostras esporádicas.

Célio Turino considera que Campinas tem um bom acervo de artes plásticas. O problema,

diz o secretário, é a falta de catalogação das coleções. Outro museu que sofre com a falta de organização e catalogação desse acervo é o Museu da Imagem e do Som de Campinas (MIS), que deveria ser um dos referenciais da cidade. Baseado em dois locais diferentes, a Sala Glauber Rocha do Centro de Convivência Cultural e num casarão da Rua Regente Feijó, o MIS tem se limitado a exibir filmes em vídeo e a organizar eventuais mostras fotográficas.

O coordenador do MIS, Orestes Augusto Toledo, admite que o museu não oferece condições de consulta para o público. Não é possível, por exemplo, ouvir um dos cinco mil discos porque eles ainda não foram copiados. Também não existe con-

dições de assistir a um dos 600 filmes em 16 e 35mm da coleção. Isso só será permitido na nova sede do museu, ainda sem local definido, que deve ser inaugurada dentro de um ano, segundo previsão de Orestes.

De acordo com o coordenador, os trabalhos da catalogação e inventário não foram concluídos ainda por falta de pessoal. “Trabalhamos em 91 com quatro pessoas. Este ano talvez tenhamos seis”, prevê. Orestes Toledo afirma que enquanto não esteja instalado numa sede adequada, o acervo do MIS terá sua consulta limitada a pesquisas. “Os estudantes e pesquisadores requisitam e a gente atende na medida do possível, de forma meio precária.”



Orestes Augusto Toledo

Lidgerwood ‘não terá obras de arte’

O prédio que há 140 anos abrigou a fábrica de implementos agrícolas Lidgerwood irá se transformar, em abril, no Museu da Cidade. Na década de 80 o prédio esteve prestes a ser derrubado mas a interferência de grupos preservacionistas conseguiu que, em julho do ano passado, a construção fosse decretada patrimônio histórico de Campinas. O secretário municipal de Cultura, Célio Turino, aposta que o Museu da Cidade será “o” museu de Campinas. Turino é o autor do projeto, feito em 87, que justifica-se na afirmação de que o cotidiano constrói a História.

O acervo do museu vai reunir as coleções dos Museus Histórico, do índio e do folclore, que

estavam em exposição no Bosque dos Jequitibás. A cada seis meses serão montadas exposições de apoio que terão por objetivo mostrar aspectos da vida de Campinas, para que as pessoas reconheçam suas referências através dos tempos. As exposições de apoio não vão se limitar aos espaços da Lidgerwood e serão espalhadas por diversos locais da cidade. “Que ninguém espere entrar no Museu da Cidade para contemplar obras de arte. Normalmente se trabalha a cultura como sinônimo das artes e não como patrimônio cultural. Mas se não há patrimônio não se cria coisas novas”, diz Turino.

A Companhia Brasileira de Projetos e Obras (CBPO) é que

financia a restauração da antiga fábrica. As obras já consumiram Cr\$ 100 milhões e não se tem previsão, ainda, do gasto total. Até agora já foram feitos os ajustes estruturais da construção, como nivelção do piso, recolocação do alicerce e recuperação dos arcos originais. Esta semana a obra de restauração vai iniciar os trabalhos com os tijolos e telhas. As telhas serão retiradas uma a uma para que se elimine os dez centímetros de sujeira que estão alojados entre elas e o forro.

A única construção nova são os banheiros. O prédio ainda tem um anexo que durante anos funcionou como depósito da Fepasa e irá se transformar em auditório.



Operário trabalha em obras do Museu da Cidade, que vai abrigar apenas o “patrimônio da cidade”

